



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR

Jefferson da Silva Moreira

Graduando em Pedagogia

Bolsista de Iniciação Científica - FAPESB

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, que objetivou apreender e discutir as representações sociais de estudantes de licenciatura sobre a avaliação escolar. A abordagem utilizada no estudo é o enfoque qualitativo (Ludke, 1986). A técnica utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas. O referencial teórico utilizado está ancorado nos estudos da teoria das Representações Sociais - Moscovici (2009) e Jodelet (2005). Para abrir discussões sobre as perspectivas da avaliação escolar, nos apoiamos nos estudos de Libâneo (2013), Luckesi (2011), Hoffman (2001) e Zabala (1998). Os resultados da pesquisa apontam que os sujeitos entrevistados parecem representar a avaliação da aprendizagem dentro de um paradigma emergente, considerando as individualidades e propondo uma superação das perspectivas avaliativas tradicionais e excludentes. Conclui-se que pesquisas com o aporte teórico das Representações Sociais podem desvelar os aspectos subjetivos e implícitos ao processo educativo.

Palavras-chaves: Educação. Avaliação escolar. Representações Sociais



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Introdução

Segundo a enciclopédia de Pedagogia Universitária, vol. 02, o termo avaliação “proveniente do latim *valere* significa ter ou dar valor a algo, validar ou tornar válido, digno. Avaliação refere-se a processos de construção de sentidos e conhecimentos sobre sujeitos, objetos ou coisas, atividades e instituições (...)” p.461.

No âmbito das pesquisas em educação, esta prática tem sido objeto de estudos e discussões entre pesquisadores, que se debruçam a compreender as complexidades que cercam o fazer de tal processo no âmbito da escola básica. (LUCKESI, 2011 e HOFFMANN, 2001). Tais estudos têm apontado que o processo avaliativo nos lócus educativos, tem se constituído num caráter classificatório e excludente, não favorecendo, aquilo que de fato, deve ser o seu objetivo, favorecer que a aprendizagem do aluno possa ser concretizada.

Pode-se observar a partir de uma breve visita ao bando de dados do Scielo, a partir do descritor ‘avaliação escolar’, uma grande quantidade de pesquisas que tem abordado tais temáticas nos últimos anos, enfocando principalmente, como objeto de investigação novas estratégias de práticas avaliativas, percepções de alunos sobre avaliação, estudos sobre as concepções de avaliação, etc.. Neste contexto, indagamos: Por que não estudar e buscar compreender as representações sociais dos futuros professores, em período de formação inicial, sobre esta prática?

Ancorados nos estudos de Moscovici (2009) compreendemos que estes sujeitos, enquanto seres mergulhados no mundo social possuem subjetividades, que influenciam de maneira significativa o exercício da função docente.

Neste sentido, pode-se questionar: as políticas dos quais são alvos os professores, tem-se atentado aos princípios particulares que demarcam a trajetória destes sujeitos e que, certamente influenciam o exercício da sua profissão?



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A questão norteadora que delimitou este trabalho foi: o que os licenciandos, futuros professores da educação básica, compreendem por avaliação da aprendizagem?

Acreditamos que a concretização de pesquisas com base no referencial teórico das Representações Sociais, pode desvelar muitos dos dilemas e tensões que demarcam a prática profissional destes indivíduos, enquanto sujeitos mergulhados numa realidade e contexto social específico, com suas representações, subjetividades, histórias de vida...

Avaliação da aprendizagem: sentidos e definições.

A avaliação da aprendizagem escolar tem sido nas últimas décadas, objeto de discussão entre autores do campo educacional que denunciam práticas e contextos avaliativos pautados dentro de perspectivas tradicionais que não levam em conta as singularidades e individualidades dos sujeitos do espaço escolar. Ajustados marcadamente por um aspecto quantitativo, positivista e classificatório, os exames escolares vem despertando o embate e discussões teóricas no cenário educacional, por ser considerado, entre muitos/as educadores/as, sinônimo exclusivo do ato de avaliar.

Para Luckesi (2011) grande parte das propostas de avaliação da aprendizagem realizadas nos espaços educativos nos dias atuais, são heranças de uma educação delineada nos séculos XVI e XVII. Nas palavras do autor:

“[...] nesse longo período ocorreram mudanças, contudo sempre superficiais, na medida em que o núcleo do modo de agir se cimentou ao longo desses anos, impregnando nosso modo de nos conduzir no processo de acompanhar a aprendizagem dos nossos educandos.” (p.28).

Ou seja, muitas foram as mudanças e reconfigurações por que passaram a sociedade, porém, os contextos de avaliação continuam impregnados de um passado que perpetua-se na atualidade, dentro de uma lógica processo-produto, certo-errado, correção-nota.

Libâneo (2013) define a avaliação da aprendizagem como “uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas” (p.216). Assim, a avaliação escolar, cumpre outras funções, para além do seu aspecto quantitativo, mas,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

como uma função de diagnóstico da aprendizagem dos educandos, com o objetivo de consolidar a tomada de decisões a partir dos resultados obtidos. Ou seja, os resultados da avaliação não têm fins em si mesmos, estes necessitam de um olhar qualitativo por parte do avaliador, para que a avaliação de fato, ocorra.

Luckesi (2011) afirma que a avaliação “diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele” (p.53). Para o autor, a verificação realizada pelas provas e exames da maneira como é delineada nos aspectos tradicionais, preserva os resultados da aprendizagem, já a avaliação possui uma função dinâmica de delinear o objeto “numa trilha dinâmica de ação” (p.53).

Para Zabala (1998) os sujeitos da avaliação escolar não são somente os alunos. A prática de avaliar delinea um olhar, também, sobre os avaliadores, sobre suas competências de ensino. Nas palavras do autor, muitos dos dilemas e tensões que assolam os espaços educacionais:

Devem-se mais aos hábitos e costumes acumulados de uma tradição escolar, cuja seleção básica foi seletiva e propedêutica. Numa concepção do ensino centrado na seleção dos alunos mais preparados para continuar a escolarização até os estudos universitários, é lógico que o sujeito de avaliação seja o aluno e que se considerem objeto da avaliação as aprendizagens alcançadas em relação às necessidades futuras que foram estabelecidas- as universitárias. Desta forma se dá prioridade a uma clara função sancionadora: qualificar e sancionar desde pequenos aqueles que podem triunfar nesta carreira até a universidade. (p.197)

Ou seja, grande parte das problemáticas ocorridas nos espaços educativos são heranças de uma educação tradicional, herdada historicamente e que se perpetua nas práticas e concepções de muitos educadores. Consideramos, porém, que se torna necessário um novo olhar sobre as práticas da avaliação da aprendizagem, visto que, os contextos de aprendizagens com as novas tecnologias da comunicação e informação que aparecem em velocidade incontestável, colocam a necessidade de reconfiguração de novas práticas pedagógicas centradas nos alunos e na consolidação de suas aprendizagens.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Hoffman (2001), autora de grande influência no cenário educacional, conhecida por uma proposta de avaliação mediadora, com base nas concepções construtivistas e sócio-interacionistas de ensino, afirma que a prática classificatória assumiu seu status durante muito tempo nas práticas dos educadores. E que estes, muitas vezes inconscientemente, perpetuam o tipo de educação que receberam enquanto estudantes.

Para que descubram o significado de registros de natureza qualitativa, é preciso que reflitam em ação, que deem pequenos passos nesse sentido, troquem ideias sobre os colegas sobre essa vivência. Ultrapassar a prática de corrigir tarefas e atribuir notas exige do professor ter elementos para registrar, não a simples obediência a normas e modelos. (p.211)

Consideramos, portanto, que a inovação das práticas avaliativas torna-se necessária nos espaços educacionais, centrados em uma proposta do paradigma emergente, que levam em conta as necessidades e alunos como sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem. Partimos, portanto, neste trabalho do pressuposto da inovação nas práticas de avaliar, como ruptura paradigmática com o estilo didático habitual e as práticas consolidadas (Lucarelli, 2007, p.80).

O conceito de Representações Sociais

Inicialmente formulada por Serge Moscovici, a teoria das Representações Sociais é derivada de uma releitura das representações coletivas proposta por Émile Durkheim, no campo da sociologia.

Na tentativa de elucidar aproximações sobre o conceito das representações, sem apresentar definições fixas e definitivas, apreensivo de não causar um reducionismo conceitual desta, Moscovici apud Sá (1996, p.31) assim apresenta uma visão aproximada sobre os principais ajuntamentos da sua teoria

Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (Moscovici, 1981, p. 181)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Ou seja, as representações sociais podem ser entendidas como os saberes construídos pelo “povo”, um saber ingênuo, “teorias” que guiam e explicam entre os próprios indivíduos as condutas dos sujeitos sociais de um determinado contexto da sociedade. A representação não é, portanto, monolítica, única, mas apresenta-se de forma plural, ajustando e dando sentido aos comportamentos e práticas consolidadas nos contextos da sociedade.

Dando continuidade ao processo de explicação sobre o porquê criamos representações, Jodelet (1989) enfatiza que o ser humano possui a necessidade de:

saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatui-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la. (p.21)

Corroborando as posições acima mencionadas, Ribeiro e Araújo (2009), sintetizam de maneira esclarecedora o sentido e a utilização das Representações Sociais na sociedade, como um saber prático, do senso comum, que não se torna menos importante do que o conhecimento científico, pois, guiam as condutas e consequentemente interferem de maneira acentuada na vida dos sujeitos e nas relações que estes estabelecem no mundo em que vivem.

A teoria das Representações Sociais (TRS) tem como alicerce o senso comum, ou ainda, o saber ingênuo, natural, quer dizer aquele saber produzido e adquirido pelos indivíduos em processos de conversações, gestos e interações que estabelecem em sua vida cotidiana, os quais vão ao pouco circulando e se cristalizando num dado grupo social, tornando-se um código comum que serve para a formação de condutas (práticas sociais) e para a orientação das comunicações sociais. Cabe notar que, nesse processo, o indivíduo se constitui como sujeito de forma ativa, reconstituindo o objeto representado. (p.66)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Mediante tais expostos, a pesquisa com base na referência teórica das representações sociais, se constitui como elemento fundante para a compreensão e apreensão das subjetividades, enfocando aqui, o campo educacional. Tal referencial poderá permitir uma melhor apreensão das perspectivas dos professores, sujeitos alvo das políticas educacionais, que tomam, muitas vezes, estes indivíduos como seres homogêneos, não levando em conta as perspectivas e singularidades dos contextos sociais que demarcam suas trajetórias.

Metodologia

Trata-se de um estudo com enfoque qualitativo. Segundo Ludke e André (1986), este tipo de pesquisa, caracteriza-se por apresentar algumas características, dentre elas: dados predominantemente descritivos, preocupação com a apresentação dos processos mais que os produtos, significado pessoal e subjetivo dos sujeitos participantes da pesquisa, os quais são focos de atenção do pesquisador.

Os colaboradores da pesquisa foram quinze estudantes de cursos de licenciatura, dentre estes, quatorze do curso de Pedagogia e uma estudante do curso de Educação Física. Destes sujeitos, doze são do sexo feminino e três do sexo masculino. Estes apresentam faixa etária entre 21 e 28 anos de idade e estão regularmente matriculados em instituições públicas de ensino superior, de estados do Norte e Nordeste do Brasil, dentre eles, Bahia, Alagoas e Pará.

A coleta de dados aconteceu antes da realização de uma oficina, intitulada “Avaliação escolar – novos dilemas, velhas tensões: a concepção mediadora como ruptura paradigmática no processo avaliativo”, realizado por estudantes do curso de Pedagogia, no XI Encontro Norte e Nordeste dos Estudantes de Pedagogia – ENNOEPE, sediado na cidade de Maceió, na Universidade Federal de Alagoas- UFAL.

A obtenção dos dados se deu por meio da aplicação de questionário, com questões abertas e fechadas. Foram apresentados aos sujeitos participantes, os objetivos do estudo, e o termo de consentimento livre e esclarecido. Logo após a assinatura do



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

documento, os indivíduos participantes portaram em mãos uma das vias e outra ficou de posse do pesquisador.

Os sujeitos interlocutores deste estudo são denominados aqui com a palavra Estudante e por números que se dão entre 01 a 15, sendo preservadas suas identidades, por fins de natureza ética.

Para a apresentação dos resultados foi feita a análise de conteúdo, baseado nos estudos de Bardin (2009).

Resultados e discussão

Os resultados do estudo foram organizados em duas categorias que serão apresentadas e discutidas a seguir:

1 – Os conceitos de avaliação são representados dentro de um modelo de educação emergente.

A análise do material coletado evidência que as falas dos estudantes parecem conceber a avaliação escolar dentro de um paradigma emergente no cenário educacional, marcado pelas concepções construtivistas, que leva em conta todo o processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno e não somente os resultados finais, marcados por avaliações escritas (provas), o que na fala dos estudantes pode não comprovar realmente o grau de aprendizado dos alunos. Os termos “processo” e “acompanhamento” aparecem unanimemente nas falas dos sujeitos, delineando o sentido a outro significado para a avaliação escolar, para além do seu aspecto tradicional. Tomamos como apontamento os estudos de Luckesi (2011), ao afirmar que a avaliação deve pautar-se processualmente, não devendo ser considerada sinônimo exclusivo de provas e exames finais.

Algumas das falas apontam, ainda, como características e objetivos da avaliação escolar “*identificar o grau de aprendizado do estudante, seu desenvolvimento e aprimoramento de acordo com o conteúdo estudado*”. (E8). Neste sentido, as perspectivas apontadas por Luckesi (2011) da avaliação como diagnóstico, são aqui concebidas. São desveladas ainda nas falas dos sujeitos respondentes, a concepção de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

avaliação como atribuição de valor “*não necessariamente numérica ou com objetivo de aprovar ou reprovar tal produção ou construção*” (E9), confirmando o que aponta Libâneo (2013) sobre a tomada de decisão que envolve a realização do processo avaliativo. Devendo-se, buscar a garantia e apropriação de um saber historicamente acumulado, por parte dos sujeitos do espaço escolar.

Uma das falas apresenta ainda, a ideia da avaliação como “*processo que avalia as ações e atividades dos alunos a fim de obter notas quantitativas e daí poder concretizar com dados o desempenho do aluno*” (E4). Discordamos, porém da ideia de avaliação como objetivo de obter notas somente quantitativas, pois, com embasamento nos estudos de Hoffmann (2001), podemos confirmar que existem outras possibilidades de verificar o grau de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem.

Apresentamos a seguir as representações de alguns dos sujeitos interlocutores deste estudo, com vista a possibilitar aos leitores uma melhor compreensão das perspectivas dos mesmos.

Trata-se de uma metodologia que teoricamente mede a aprendizagem do aluno (Estudante 1)

A possibilidade de averiguar o quanto nosso educando evoluiu. Ocorre em todos os momentos, onde podemos ver a participação, interação e desenvoltura do nosso educando (Estudante 2)

Na minha concepção, avaliar é a prática do professor que visa trabalhar os conhecimentos prévios dos alunos, suas histórias de vida, etc. Não somente aquele formato tradicional de questionários (Estudante 3)

Avaliar, no meu entendimento é o docente se dispor a acompanhar. De forma a levar todo avanço do aluno durante todo o processo do período. (Estudante 10)

É todo processo contínuo da aprendizagem, ou um meio dos professores avaliarem os alunos (Estudante 14).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

É uma forma de acompanhar o desenvolvimento de uma pessoa. O qual poderá identificar problemas e dificuldades que permitirá pensar em soluções para resolvê-los. (Estudante 15)

2- Uma proposta pautada para além dos modelos tradicionais de ensino

Questionados sobre as possibilidades de desenvolvimento de uma avaliação da aprendizagem escolar, pautada para além dos modelos tradicionais, todos os estudantes foram unânimes ao afirmar que “sim” seria possível. Muitos afirmam que os modelos de avaliação tradicional não dão mais conta das realidades das escolas, alguns o consideram ultrapassado, “atrasado”, como poderá ser visto a seguir nas falas de alguns dos sujeitos.

Com certeza, já é tempo de se modificar esse modelo ultrapassado (E1).

Sim, pois existe uma variedade de possibilidades que vão além do modelo tradicional que estamos acostumados. (E3)

Não só acho possível como necessário [...] e também para uma nova visão do que realmente significa avaliação (E4).

Sim, acredito que conhecer o ser humano por um determinado tempo permite um leque de critérios para se avaliar que vai muito além do tradicionalismo. (E6)

Sim, pois o modelo tradicional não dá conta de avaliar todo o processo de crescimento conceitual e desenvolvimento do aluno (E7)

Sim, penso que o modelo tradicional está atrasado e que se faz necessário estabelecer novos critérios e modelos [...] (E8).

Neste sentido, podemos depreender que as falas dos estudantes se aproximam de uma nova perspectiva e um olhar resignificado para os processos avaliativos. Uma das estudantes, apesar de concordar que existem outras possibilidades para além do aspecto tradicional considera que “*embora os modelos tradicionais sejam importantes para a educação*” (E13). Podemos então questionar: o que a leva a pensar de tal maneira?



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Quais referências teóricas estão subjacentes à sua concepção? Tomamos como referência os estudos de Luckesi (2011), ao afirmar que “os hábitos de avaliar exige atenção constante, pois [...] estão profundamente arraigados em nossa história, em nossa sociedade e na personalidade pessoal de cada um de nós” (p.67). Entendemos, portanto, que a inovação como ruptura (Lucarelli, 2007, p.80) com as formas tradicionais de avaliar, poderá constituir-se em novas possibilidades de construção de práticas que coloquem os alunos como sujeitos ativos do processo de ensino.

Consideramos que a possibilidade de desenvolver uma pesquisa que possam verificar a atuação desses futuros licenciandos de grande importância, no sentido de gerar o confronto entre o que professam e suas futuras práticas. Estas são questões que a pesquisa aqui delineada não deu conta de responder e poderá constituir-se em possibilidades de novos olhares no cenário da avaliação escolar.

Conclusões e Considerações Finais

A principal evidência que esse estudo pôde observar, por meio das falas dos estudantes de licenciatura, sujeitos alvo desta pesquisa, é de que a representação social sobre a aprendizagem escolar para os mesmos parecem ser concebidos sob um novo olhar, um modelo emergente, que leve em conta as pluralidades de sujeitos, sentidos de aprendizagem, tomando os sujeitos escolares como heterogêneos em suas múltiplas singularidades.

Suas falas delineiam a perspectiva de um contexto avaliativo para além da racionalidade técnica, que devem ser (re) configurados em processos de favorecimento da aprendizagem daqueles que frequentam as salas de aula, possibilitando práticas que rompam com o paradigma conservador.

As soluções para os problemas que acarretam as práticas da avaliação escolar não serão resolvidas mediante exposto os resultados do nosso trabalho, porém, reivindicamos que pesquisas, com maior número de sujeitos sejam delineadas com o aporte teórico das representações sociais, com vista a depreender dos profissionais da educação, alvo das políticas públicas em educação, um olhar que compreenda as



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

subjetividades desses indivíduos e que não o vejam como homogêneos, porém, como sujeitos diversos, plurais, com concepções e ideologias próprias.

Neste sentido, queremos destacar as possibilidades de pesquisas com o aporte teórico aqui delineado, como novas possibilidades para um olhar sobre o que pensam e concebem os estudantes de licenciatura, futuros professores, sobre as práticas avaliativas nas escolas com vista à efetivação de possibilidades estruturais e econômicas para uma nova realidade educacional.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, LDA. Março de 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho** / Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCARELLI, Elisa. **Pedagogia universitária e inovação**. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). Reflexões e práticas em pedagogia universitária. São Paulo: Papyrus, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. – 22. Ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** / Menga Ludke, Marli E.D.A André – São Paulo : EPU, 1986.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** – Porto Alegre: Artmed, 1998.